

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A mulher no mundo do trabalho [The woman in the world of work]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bruschini, Maria Cristina
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-25 23:11:21
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163423

IHU On-Line - Sua pesquisa atual tematiza questões vinculadas com a maternidade. Quais são as representações de mulher-mãe que fazem parte do imaginário da sociedade contemporânea?

Dagmar Meyer - São representações múltiplas e conflitantes que, em alguns casos, rompem com aspectos importantes das representações mais tradicionais de mãe, mas que em outros atualizam ou mantêm aspectos significativos dessas mesmas representações. Eu venho defendendo a tese de que diferentes instituições sociais das sociedades contemporâneas voltaram a investir fortemente na educação das mulheres como mães. As mulheres, hoje, desempenham muitas outras funções sociais, para além da maternidade e ocupam muitos outros espaços para além do espaço doméstico, mas elas continuam sendo responsabilizadas pelo cuidado e pela educação dos filhos e todos os problemas vivenciados por crianças e jovens na contemporaneidade, são explicados, entre outras coisas, por vínculos inadequados entre mãe e filho (só como exemplo podemos pegar a violência juvenil, as dificuldades de aprendizagem, a drogadição, a quantidade de doenças que podem acometer as crianças que não forem amamentadas exclusivamente com leite materno até os 6 meses de vida, etc). A ciência também não cessa de ampliar conhecimentos que dão conta da centralidade desses vínculos. Recentemente li, na Revista da FAPESP, os resultados de uma pesquisa feita com camundongos fêmeas e seus filhotes, os quais foram afastados de suas mães - sem violência ou privação - 20 minutos por dia, durante um número x de dias. Os resultados indicam que o estresse vivenciado por esses filhotes seria tão intenso que aumentou, dentre outras coisas, o risco de eles se constituírem como adultos inférteis. O que se pretende, é estender a leitura desse experimento para entender as relações entre mãe e filho humanos. Eu considero que resultados de estudos como esses precisam ser problematizados, sobretudo se concordarmos com a idéia de que a ciência, por mais que se reivindique neutra, faz parte e é fruto de contextos e tempos particulares. Considerando-se o esforço que as feministas fizeram para demonstrar que a maternidade não é o destino natural da mulher, e que o chamado instinto materno não se constitui como uma essência feminina, penso que devemos perguntar-nos, seriamente, o que esse investimento maciço na educação para a maternidade pode estar a significar, tanto para as mulheres quanto para os homens, em uma atualidade complexa como esta que estamos vivendo: globalização, redução do estado, desemprego crescente, informatização acelerada, etc... Seria uma nova versão da 'volta para casa' do pós-Segunda Guerra? Em que termos e em quais condições? Com que efeitos, para quem? Acho que estamos apenas no início desta discussão.

A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO

Entrevista com Maria Cristina Bruschini

IHU On-Line conversou com a Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Aranha Bruschini, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, sobre a questão da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Maria Cristina Bruschini é mestre em Ciências Sociais e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), com tese intitulada *Estrutura familiar e vida cotidiana na cidade de São Paulo*. É autora de 8 livros, entre os quais citamos: **Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher**. São Paulo: Nobel/CECF, 1985; **Mulher, Casa e Família: Cotidiano nas Camadas Médias Paulistanas**. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1990; **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 1998; **Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo: Cortez., 2000.

IHU On-Line- Em que tipo de trabalho as mulheres sofrem mais discriminação hoje no Brasil?

Cristina Bruschini- Os 36% das trabalhadoras se encontram em atividades precárias, sem carteira assinada, como o emprego doméstico, o trabalho não remunerado, o trabalho domiciliar e outros tipos de trabalho informal. Nos últimos anos, pela sua escolaridade, a mulher vem conquistando funções melhores como as que exigem formação de nível médio ou superior. Mas existem alguns ramos de discriminação às quais as mulheres estão sujeitas, como a desigualdade salarial, a dificuldade de acesso a cargos de comando e a questão de ela ser ainda responsável pela família, pelas crianças pequenas, idosos e doentes, que é uma ocupação tradicional dentro da família e está sendo muito difícil para ela partilhar com os homens e os jovens. A mulher vem conquistando espaços no trabalho, mas ainda sofre bastante com a discriminação.

IHU On-Line- A mulher está sendo tão atingida quanto homem com o desemprego e a precarização do trabalho?

Cristina Bruschini- O desemprego de maneira geral é mais intenso em determinados setores que atingem mais homens que mulheres, como na indústria, por exemplo. As mulheres estão mais concentradas no setor dos serviços e bancário, onde o desemprego não é tão intenso. Em relação à precarização, 17% da força de trabalho feminina é de empregadas domésticas. Na categoria de emprego doméstico, 97% são mulheres. Essa é uma atividade precária, porque os salários são baixos, sem carteira assinada, com longas jornadas. O contingente que trabalha nessas condições é de 35%, mas não vem aumentando. Acho que o trabalho masculino está sendo mais precarizado. Vivemos uma década muito ruim em termos de emprego, de renda do trabalhador, mas não da força de trabalho feminina em si.

IHU On-Line- Quais têm sido os maiores avanços das últimas décadas?

Cristina Bruschini- As ocupações que exigem estudo qualificado, como medicina, arquitetura, direito, jornalismo, registraram um grande aumento da participação feminina. Vejo uma perspectiva positiva para as que estão nos campos mais privilegiados. Mesmo executivas, em empresas, que é um estudo que estou fazendo agora, observa-se uma cifra mais significativa que a da década de 1990. Basicamente, houve um ingresso maciço de mulheres nas universidades, inclusive supera a dos homens atualmente. Ainda assim, continua havendo desigualdade salarial.

IHU On-Line- Por onde começa uma nova organização sexual do trabalho?

Cristina Bruschini- Deve ser em duas esferas. Tem que haver algumas políticas da parte do Estado e de parte das empresas, em seus programas de responsabilidade social. Primeiro é preciso assumir que essas desigualdades existem, até muito recentemente não se imaginava que existiam, porque a mulher não tinha ido, em massa, para o mercado de trabalho. Ao acontecer isso, as mulheres conquistaram posições melhores e começaram a pressionar. Essa pressão ainda deve ser respondida pelo estado, pelas empresas, pelos sindicatos, etc. É importante chegar a ter acesso a qualquer ocupação, posição, trabalho em boas condições, com salários iguais, quando se trata do mesmo cargo, e conseguir o equilíbrio entre família e trabalho. No momento que consigamos uma organização familiar um pouco mais simétrica entre homens e mulheres, onde se dividam mais as atividades domésticas e o cuidado dos filhos, ficará menos pesado para todos.

IHU On-Line- Que políticas públicas estão sendo encaminhadas nesse sentido?

Cristina Bruschini- Uma coisa interessante é que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi transformado numa secretaria especial de políticas para as mulheres, diretamente relacionada à Presidência da República, o que dá um suporte maior às políticas das mulheres. O governo federal está muito atento à representação feminina em todas as áreas. Agora, em relação a políticas voltadas para o trabalho feminino não estou vendo muita coisa. Sequer foi tomada alguma medida específica em relação ao trabalho feminino. Eu estive conversando com a Senadora Emília Fernandes, que é a responsável pela Secretaria da Mulher e ela estava muito entusiasmada com a boa vontade do Presidente nesse sentido. Só que os orçamentos foram extremamente cortados e, segundo informação fidedigna que recebi, o orçamento dessa secretaria ficou muito pequeno.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

A CULTURA DO DESPERDÍCIO

*Reproduzimos na íntegra o artigo **A cultura do desperdício**, de Robert Tomás, professor de Economia Aplicada na Universidade Autônoma de Barcelona. O artigo foi publicado no jornal argentino **Clarín**, 26-8-03. A tradução e os subtítulos são do CEPAT, a quem agradecemos.*

A expressão “cultura do desperdício” sintetiza perfeitamente o que constitui uma das características mais importantes da modernidade ocidental. Pode-se afirmar, sem exagero, que o produto característico de nossa cultura é o desperdício. Seu componente mais visível é constituído pela acumulação de produtos em bom estado, mas que perderam sua capacidade de serem utilizados e que são substituídos por sucessivas ondas de novos produtos, melhores e mais baratos. A obsolescência generalizada, conseqüência – supõe-se – de uma crescente exigência dos consumidores, e impulsionada por uma inovação galopante, é o outro lado do que se considera o incessante aumento do nível de vida no Ocidente.

O esbanjamento se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica

Para muitos, a proliferação dos desperdícios constitui um escândalo, posto que, ao mesmo tempo, cada vez mais gente no Terceiro Mundo, mas também nas ruas das ricas cidades do Ocidente, sofre de uma penúria material que parece infundável. Uma consciência moral mínima se rebela contra este estado de coisas e exige que seja solucionado. Mas, para isso convém examinar com cuidado o que realmente significa esta “cultura do desperdício”. O acúmulo de lixo faz parte de um fenômeno mais global: o esbanjamento inerente à sociedade ocidental moderna, que se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica.

O desperdício do ponto de vista econômico